

CONCEITOS DA ANTROPOLOGIA QUE DEVEM FUNDAMENTAR UM TRABALHO COM POPULAÇÕES INDÍGENAS

Maria Elisa Ladeira

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA – CTI

maio de 2002

Um sumário dos conceitos básicos da Antropologia que devem estar subjacentes nas propostas de trabalho com populações humanas.

- As populações humanas ao longo da história e de acordo com as regiões se organizaram de diferentes formas para prover as necessidades básicas da vida, se reproduzir e conferir sentido à existência. Essa diversidade se funda em uma característica única do ser humano, sem paralelo entre os outros seres vivos do planeta: a flexibilidade comportamental, o fato de que a maior parte daquilo que fazemos não está determinado em nosso código genético.
- Esta flexibilidade comportamental não significa que possamos viver de qualquer maneira. Há um limite biológico que não podemos ultrapassar e há todo um conjunto de limites sociais que acabamos por incorporar.
- A grande riqueza da humanidade é a sua diversidade cultural e social. Não há sociedade humana sem organização social, sem formas de ordenar as relações entre as pessoas, de tomar decisões. Essas diferentes formas não são em si, melhores ou piores; podem ser mais ou menos complexas, envolver um número maior ou menor de pessoas e coisas.
- Educados em um meio social específico, aprendemos a pensar de acordo com idéias, valores e princípios desse meio e a nos comportar segundo as normas sociais que aí prevalecem.
- Por isso achamos tão penoso nos habituar a outros modos de vida, tão difícil compreender outras formas de organização social, a considerar que *“o nosso modo de vida é que é o melhor, que o nosso modo de pensar é que é o certo”* e assim por diante.
- *“Não há ninguém no mundo com uma visão pura de preconceitos. Vê-o sim, com o espírito condicionado por um conjunto definido de costumes, e instituições e modos de pensar. Nem mesmo nas suas concepções filosóficas ele consegue subtrair-se a esses estereótipos; até seus conceitos do verdadeiro e do falso são ainda referidos*

*aos seus particulares costumes tradicionais” (Benedicti, R;9). A este sentimento, comum a todos os diferentes povos, a antropologia denomina **etnocentrismo**.*

- O preconceito de **raça** tem sua base no preconceito cultural. Desde o princípio da história do Homem, se demonstra que certos povos puderam adotar a cultura de povos de outro sangue. Não há na estrutura biológica do homem nada que torne isso sequer muito difícil, muito menos impossível. A cultura não é um complexo que seja transmitido biologicamente.
- O que vem a ser “*herança racial?*” A hereditariedade é uma questão de linhagens familiares. Em comunidades pequenas e fechadas, hereditariedade racial e hereditariedade de pai e filho são praticamente equivalentes, e nessas condições, a expressão hereditariedade racial faz sentido. Mas como conceito aplicado a grupos espalhados por uma vasta área, como são os povos modernos, não tem qualquer base real. Na nossa cosmopolita civilização branca, quando se invoca a “*hereditariedade racial*” para reunir um grupo de pessoas com a mesma posição econômica, que frequentaram o mesmo tipo de escolas, lêem os mesmos jornais, gostam do mesmo tipo de música, nada mais é do que uma versão particularizada da versão etnocêntrica, de pertencer ao mesmo grupo, que se distingue por estas particularidades de outros, e não se refere à verdadeira homogeneidade biológica do grupo.
- O racismo é um etnocentrismo perigoso porque desvirtuado pelo poder.
- Uma das justificativas mais frequentes para a supremacia de nossa cultura ocidental foi a utilização desvirtuada do conceito de “evolução”, que fez paralelas as “leis da evolução biológica” às que governam a vida nas sociedades humanas. Esta crença na influência da hereditariedade é assim usada para justificar o domínio contínuo de uma casta ou grupo. Ainda assim o extremo oposto, a noção de que todos os homens nascem não só iguais como também biologicamente semelhantes, é da mesma maneira uma falácia, menos perigosa nos seus efeitos imediatos, mas perniciososa em longo prazo. A gloriosa visão da igualdade humana pertence aos domínios da Ética e da Política, não ao da Biologia. Para serem iguais perante a lei, as pessoas não precisam ser gêmeos idênticos. Igualdade significa que todos os seres humanos têm o direito a oportunidades iguais de desenvolver ao máximo suas capacidades, e não que essas capacidades sejam idênticas.¹

¹ O educador será antes ajudado que tolhido em seu trabalho, se souber que o sucesso do processo educacional depende de que seja fornecido o ambiente certo para a realização ótima dos dotes hereditários de cada indivíduo, e que dotes hereditários diferentes requerem diferentes ambientes para que se obtenham os melhores resultados.

Um sumário dos pontos básicos da questão indígena que devem estar subjacentes nas propostas de trabalho com povos indígenas.

Para se compreender a questão indígena (a realidade atual e os problemas dos povos indígenas) é necessário que os envolvidos tenham o domínio de algumas noções básicas vindas da Antropologia Social. Este conhecimento permitirá, igualmente, a compreensão de problemas que são próprios a todas as sociedades humanas. Estamos nos referindo ao conceito de cultura e o de etnocentrismo, e a sua consequência positiva que é o relativismo cultural. Estes conceitos devem ser trabalhados, inclusive através das diferentes formas e significados que os grupos sociais dão para um mesmo elemento do mundo natural. Pode-se utilizar exemplos ligados a fatos biológicos como a menstruação, a gravidez, a concepção, que ocorre em todos os grupos sociais de todas as sociedades humanas, mas para o qual são atribuídos significados próprios a cada grupo. A diversidade cultural deve ser explorada, a comparação, sem julgamento de valor, entre as formas que diferentes povos encontraram para uma mesma questão permite que se relativize a nossa própria forma e possamos desenvolver uma postura mais aberta e de respeito as diferenças étnicas e culturais.

- 1- Toda cultura é um código simbólico construído socialmente, compartilhado por todos os membros do grupo social que a construiu.
- 2- É possível aprender modos novos, diferentes dos nossos, de ver o mundo e de dar significado às coisas. Ou seja, a comunicação é possível entre culturas diversas.
- 3- As culturas não são extáticas, se modificam ao longo do processo histórico vivido pelo grupo social.
- 4- Há uma capacidade, comum a todos os seres humanos, de produção de cultura.
- 5- Enquanto integrado a um determinado grupo social todo e qualquer indivíduo tende a tomar a sua própria cultura (significados, valores e regras) como padrão para julgar todas as outras, concebendo-a inclusive como característica natural da sociedade humana.
- 6- A antropologia se propõe a conhecer o mundo através do ponto de vista de cada um dos grupos sociais, colocando-se no lugar do outro. Para isto é necessário que conheça estas outras formas de produção cultural., por isso os antropólogos estudam as sociedades e as culturas através de uma convivência intensa com os grupos sociais pesquisados(a observação participante)

Os Povos indígenas

Os povos indígenas podem ser classificados pelo *critério lingüístico* e pelo *critério de área cultural*. Há pelo menos 170 línguas indígenas sendo faladas hoje no Brasil, classificadas em 19 famílias lingüísticas. O *critério lingüístico* é empregado para classificar os povos indígenas de acordo com as relações que as línguas que eles falam têm entre si. O *critério de áreas culturais* classifica 11 áreas geográficas cujos diferentes povos indígenas que nelas habitam compartilham certos elementos culturais. Este critério parte da constatação de que sociedades vizinhas trocam, por assim dizer, elementos de suas

culturas respectivas, da possibilidade de elementos culturais de um povo se difundirem (através do comércio, casamentos, rapto de crianças, mulheres ..) junto a seus vizinhos.

- 1- Os povos indígenas possuem diferentes modos de se organizar em sociedade, modos que os conquistadores europeus e até hoje o *povo brasileiro* (sem distinção de cor) tiveram e tem dificuldade de compreender.
- 2- Quando pensamos sobre os “*nossos índios*” os definimos “*por aquilo que não tem*” e que aos nossos olhos, como aos olhos dos conquistadores europeus, caracteriza o que chamamos de civilização.
- 3- Eles, os índios, *não têm vergonha, eles não têm moral, eles não obedecem a ninguém, não gostam de trabalhar ou no afirmativo, são preguiçosos, são traiçoeiros, são puros, são selvagens, são coisas do passado, são os estereótipos mais comuns*
- 4- Ou seja a palavra *índio*, em seu uso mais geral e cotidiano, cristalizado no senso comum, constitui um indicativo de um estado cultural, claramente manifestado pelos termos, que em diferentes contextos o podem vir a substituir – silvícola, aborígene, selvagem, primitivo, entre outros. Todos carregados com um denotativo de morador das matas, de vinculação com a natureza, de ausência dos benefícios da civilização, possuidor de uma cultura rudimentar, pouco evoluída, característico dos primórdios da nossa humanidade.
- 5- Na acepção técnica dada ao termo *índio* por círculos mais especializados e que se reflete em usos administrativos e em definições legais,: “*sociedades indígenas são as coletividades que se distinguem entre si e no conjunto da sociedade em virtude de seus vínculos históricos com populações de origem pré-colombiana*”.
- 6- Para a maioria das pessoas saber se um grupo indígena realmente tem direitos à terra e proteção especial implica em verificar se eles “*são índios de verdade*”, se nele cabem as características de *primitividade* contidas na imagem genérica existente sobre os índios.
- 7- Já para os antropólogos o que conta efetivamente é que uma dada “*coletividade se auto-identifique como indígena , sendo índios os indivíduos que são por ela reconhecidos enquanto membros desse grupo étnico*”. Para essa conceituação , não tem importância alguma saber se tal população apresenta características *primitivas*, se mantém traços físicos ou a carga genética de populações pré-colombianas, ou ainda se preserva os elementos de sua cultura original.

Cuidados básicos ao se tratar sobre os povos indígenas.

Estereótipos que devem ser evitados e combatidos.

- ***Os povos indígenas não são todos iguais.*** Não há um único modo de vida, “natural” dos povos indígenas . Por isso referências e trabalhos que tratam dos *costumes dos índios*, em geral, não contribuem para a compreensão da diversidade cultural.
- ***Os povos indígenas não são “coisas do passado”.*** Por isso referências e trabalhos que introduzem a questão indígena apenas quando da época do descobrimento do Brasil, ou quando das frentes de colonização não contribuem para a compreensão da contemporaneidade dos povos indígenas. Que estes diferentes povos são parte do Brasil atual. Têm direitos garantidos na Constituição, muitos de seus problemas são os mesmos de outros brasileiros, ameaças às suas terras, à sua sobrevivência, assistência precária à saúde..
- ***Os povos indígenas não estão “parados no tempo”.*** As sociedades indígenas são antigas, mas não são sempre as mesmas, elas passam, como a nossa, por transformações: têm a sua história. Uma história própria marcada pelo confronto com outros povos, pelos territórios que percorreram, pelo comércio, pelas migrações..
- ***Os povos indígenas não são a “infância da humanidade”.*** Por isso referências e trabalhos que tratam das sociedades indígenas como etapas antigas da história do mundo ocidental contribuem para reforçar a concepção equivocada do conceito de evolução, como se a humanidade toda, dividida em sociedades, se desenvolvesse sempre através das mesmas etapas, e as culturas diferentes das européias fossem “resquícios” de tempos antigos, como se as sociedades (e culturas) indígenas não tivessem evoluído.
- ***Os povos indígenas não são “atrasados”.*** Por isso referências e trabalhos que introduzem a noção de progresso, medido pelo domínio de um conjunto de técnicas (domesticação de animais, agricultura, cerâmica, tecelagem , escrita), quando a cada grau de conhecimento da técnica correspondia um tipo de sociedade, em nada contribuem para a compreensão das sociedades indígenas. Ao comparar sociedades distintas o grau de complexidade varia dependendo do critério utilizado na comparação. Por exemplo as sociedades Gê do Brasil Central , que não tinham o domínio da cerâmica ou tecelagem apresentam uma sofisticação ímpar em sua organização sócio-cultural .

São importantes os trabalho que reforçam a idéia dos povos indígenas como parcela do povo brasileiro, e que contribuam para o conhecimento real das particularidades sócio-culturais de cada um dos povos ou da situação vivida por eles ao longo da história do Brasil e sua presença hoje, no Brasil do século XXI.

Atualmente os povos indígenas que vivem no Brasil, enfrentam problemas relacionados à história e à região de cada um e de suas sociedades, mas têm problemas comuns, enquanto índios, e sabem disso. Apesar da diversidade de situações, trata-se de sociedades que têm uma mesma natureza e que vivem no Brasil. A formação da consciência desta identidade comum, para além das diferenças lingüísticas e culturais entre os índios têm uma longa história. Mas parece ter tomado forma mais definida e abrangência nacional nos últimos anos.

São assim recomendados também trabalhos que considerem as conseqüências para as sociedades indígenas do seu contato com outros segmentos da sociedade brasileira; como os povos indígenas têm reagido a este contato; trabalhos sobre os direitos dos índios e porque têm uma proteção especial por parte do Estado brasileiro.

Bibliografia básica utilizada:

Benedict, Ruth : Padrões de Cultura. Editora Livros do Brasil – Lisboa (original /1934)

Fausto, Carlos: “Formas Sociais e políticas, ontem e hoje” in Índios no Brasil 1. Cadernos da TV Escola. MEC. Brasília. 1999.

Lopes da Silva, Aracy: Índios. Série Ponto por Ponto, Editora Ática, SP, 1988

Pacheco de Oliveira, João. “Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito” in A temática indígena na escola. Mec.Mari.Unesco. Brasília.1995.

Bibliografia básica de apoio aos educadores:

Melatti, Julio Cezar: Índios do Brasil – Editora de Brasília, 1970 - Brasília

Azanha, Giberto & Valadão, Virgínia: Senhores destas terras. Os povos Indígenas da colônia aos nossos dias. São Paulo, Editora Atual, 1991

Ladeira, Maria Elisa: Educação na Diversidade ; MEC,2002 www.trabalhoindigenista.org.br

Cadernos da TV Escola- série Índios no Brasil; Secretaria de Educação Fundamental/Secretaria de Educação a Distância- MEC, 2001